



DIVERSIDADE DE GÊNERO: O PODER DO DISCURSO NA EXCLUSÃO SOCIAL

Alline Lemos Lira

alline.l@hotmail.com¹

Resumo

Desde o Iluminismo as mulheres foram relegadas ao acesso à ciência. Os pilares da ciência moderna foram calcados na supressão de como diria as geógrafas Janice Monk e Susan Hanson exclusão da “metade da humanidade”. A ciência como produto humano é socialmente produzido e, sendo assim, não há neutralidade na produção do conhecimento. A ciência moderna tal como conhecemos apresenta privilégios de sexo, raça, classe e sexualidade. Pouco se discute sobre temas relacionados ao gênero. Na nossa sociedade ainda existem muitos tabus, quando surge o tema gênero ou sexualidade a discussão toma um sentido maniqueísta. No ambiente escolar isso tem acarretado inúmeras discussões, reflexo de um embate político, apoiado em convicções religiosas. O espaço escolar é constituído por praticas que também são convertidas em aprendizado. Ele se institui segundo o que Santos (1978) propõe como uma estrutura subordinada e subordinante. Acreditamos ser imprescindível a discussão sobre gênero na escola e temos nos professores um potencial colaborador com essa discussão, entretanto, esses profissionais necessitam urgentemente de formação que contemple essa área de estudo. As universidades ainda não estão totalmente abertas para essa temática, pois pesquisas relacionadas ao gênero e sexualidades ainda sofrem opressão no meio acadêmico. Este trabalho tem por objetivo discutir sobre a temática de gênero e relatar uma experiência de docência com 18 alunos no 7º período do curso de Licenciatura em Geografia. É importante lembrar que em breve esses discentes estarão exercendo a profissão, eis que surge a questão: estão eles sendo preparados para o debate dessa temática? Os resultados dessa pesquisa trata-se de contato realizados com os discentes, para sabermos previamente o quê os sujeitos em evidência conheciam sobre o tema, e seus respectivos posicionamentos. Para posteriormente se delinear uma análise mais aprofundada sobre a temática em questão com a turma, nos encontros seguintes houve um maior aprofundamento em que houve discussões sobre a desigualdade de gênero em sala de aula, sobre identidade de gênero, e sobre espaços da Universidade Federal do Tocantins acerca desse debate. É salutar compreendermos que o discurso é um dispositivo de poder e que por meio dele excluimos uma parcela da sociedade. Não somos todos iguais, as nossas diferenças é o que nos singulariza e mantém a diversidade na sociedade. A sociedade produz e se reproduz no espaço geográfico onde ocorrem as manifestações de diversidades culturais, o espaço escolar não foge a essa regra, sendo portando ainda hoje um espaço segregador e excludente das minorias. Cabe aos discentes repesarem as suas atitudes frente a tais preconceitos, nas elaborações das aulas, nas dinâmicas utilizada em classe, nos debates no âmbito escolar dentre outras funções desenvolvida pelo mesmo, pois não conseguiremos mudar essa realidade de uma única vez, mas, aos poucos conseguiremos caminhar para uma sociedade mais justa e igualitária.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFT-campus Porto Nacional-To e professora da rede estadual do Tocantins.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Gênero; Discurso.

Introdução

Pouco se discute sobre temas relacionados ao gênero. Na nossa sociedade ainda existem muitos tabus, quando surge o tema gênero ou sexualidade a discussão toma um sentido maniqueísta. No ambiente escolar isso tem acarretado inúmeras discussões, reflexo de um embate político, apoiado em convicções religiosas.

Acreditamos ser imprescindível a discussão sobre gênero na escola e temos nos professores um potencial colaborador com essa discussão, entretanto, esses profissionais necessitam urgentemente de formação que contemple essa área de estudo. As universidades ainda não estão totalmente abertas para essa temática, pois pesquisas relacionadas ao gênero e sexualidades ainda sofrem opressão no meio acadêmico.

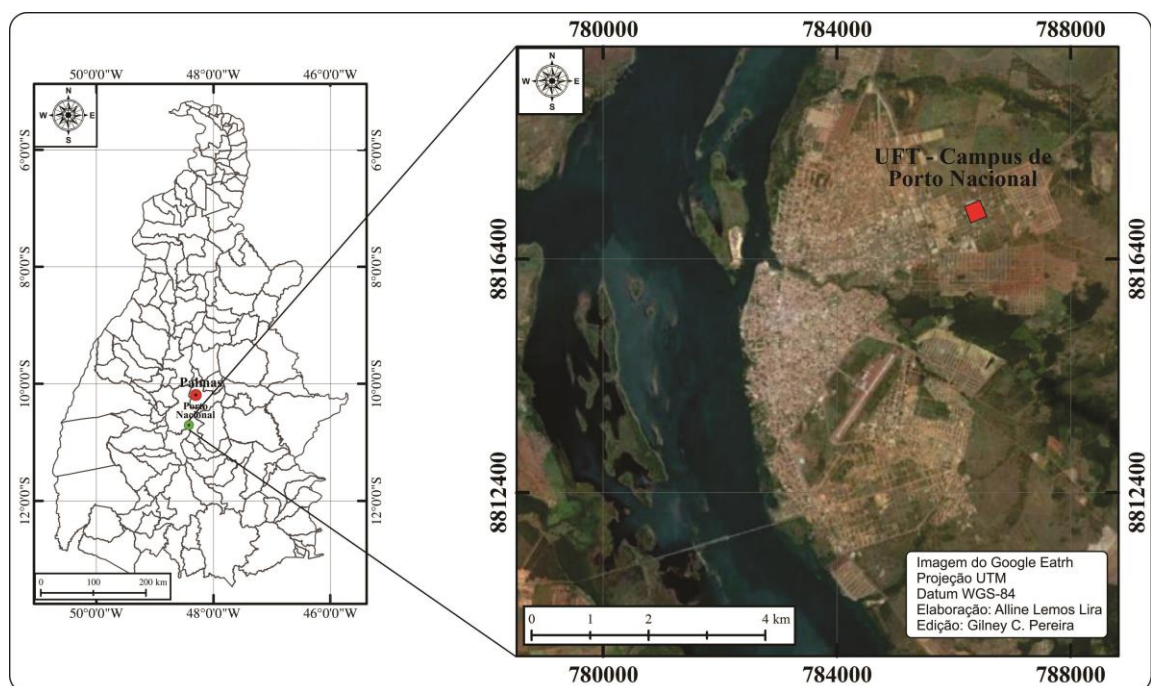
Este artigo tem por objetivo discutir sobre a temática de gênero e relatar uma experiência de docência com 18 alunos no 7º período do curso de Licenciatura em Geografia. É importante lembrar que em breve esses discentes estarão exercendo a profissão, eis que surge a questão: estão eles sendo preparados para o debate dessa temática? Os resultados dessa pesquisa tratase de um primeiro contado, para sabermos previamente o quê os sujeitos em evidência conheciam sobre o tema, e seus respectivos posicionamentos. Para posteriormente se delinear uma análise mais aprofundada sobre a temática em questão com a turma.

Apresentaremos aqui reflexões realizadas nesse primeiro encontro, em que houve discussões sobre a desigualdade de gênero em sala de aula, sobre identidade de gênero, e sobre espaços da Universidade Federal do Tocantins acerca desse debate. É salutar compreendermos que o discurso é um dispositivo de poder e que por meio dele excluímos uma parcela da sociedade. Não somos todos iguais, as nossas diferenças é o que nos singulariza e mantém a diversidade na sociedade.

LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A Universidade Federal do Tocantins foi criada em 23 de outubro de 2000 pela Lei nº 10.032, uma das suas características é ser multi-campi. Conta com 7 *campis* de norte ao sul do estado. A reitoria é localizada na sede em Palmas e os outros 6 *campis* no interior sendo eles: Araguaína, Arraias, Gurupi, Miracema, Porto Nacional e Tocantinópolis. O *campus* a ser estudado é o da cidade de Porto Nacional (mapa 01), que fica a aproximadamente a 66 km de Palmas. Porto Nacional é uma cidade bicentenária com a estimativa populacional de aproximadamente 52.182 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2015). O *campus* da Universidade Federal do Tocantins de Porto Nacional atualmente conta com 7 cursos de graduações presenciais e 3 programas de pós-graduação.

A turma a qual será referenciado é uma turma de 18 discentes no 7º período do curso de licenciatura em Geografia na disciplina de Estágio Supervisionado III no campus de Porto Nacional-TO.



Mapa 01. Mapa de localização. Fonte: Elaboração Alline Lemos Lira; Edição: Gilney Pereira.

GÊNERO PARA ALÉM DO DETERMINISMO BIOLÓGICO

Desde o Iluminismo as mulheres foram relegadas ao acesso à ciência. Os pilares da ciência moderna foram calcados na supressão de como diria as geógrafas Janice Monk e Susan Hanson exclusão da “metade da humanidade”.² A ciência como produto humano é socialmente produzido e, sendo assim, não há neutralidade na produção do conhecimento. A ciência moderna tal como conhecemos apresenta privilégios de sexo, raça e sexualidade.

No pensamento liberal, influenciado pelos ideais iluministas, há a noção do sujeito social como universal, livre, autônomo e racional. Conceber a existência do sujeito universal é atribuir-lhe homogeneidade, ou, em outras palavras, unidade (MARIANO, 2005 p.483). Nessa perspectiva Silva, Nabozny e Ornat (2011) resalta que a discussão a respeito da colonialidade do saber, com a crítica à ciência moderna, neutra e objetiva, foi em grande parte travada pelas chamadas “epistemologia feministas”.

Para iniciarmos uma discussão sobre gênero é importante contextualizar quando surgiu esse termo. Segundo Scott (1995) a palavra gênero surgiu para substituir a palavra mulher e que livros e artigos de todos os tipos nos últimos anos substituíram o termo mulher por gênero. A autora ainda pontua que “O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro (SCOTT, 1995, p.75)”. E conceitua que “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos; o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder”. (SCOTT, 1995, p.11)

Simone de Beauvoir em sua obra “O segundo sexo: a experiência vivida”, aponta que o homem é sempre o universal e que a mulher é o outro foi uma das propulsoras na crítica ao sujeito, desafiando sua presumida universalidade, neutralidade e unidade, argumentado que no mundo social existem aqueles que ocupam a posição não específica, sem marcações (sexual, racial, religiosa), ‘universal’, e aqueles que são definidos, reduzidos e marcados por sua ‘diferença’, sempre aprisionados em suas especificidades, designando o outro. Isto define a posição de homens e mulheres: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”. Após a publicação dessa obra o feminismo da década de 1960 entrou em ebulição, marcando então a

² Não excluem metade da humanidade da geografia humana.



segunda onda do feminismo. A célebre frase “não se nasce mulher torna-se” virou emblemática do movimento, questionando o padrão vigente, mas partindo de uma perspectiva construcionista, pois partindo dessa premissa, o indivíduo recebe os papéis a ser desempenhado.

Conforme Mariano (2005), gênero foi primeiramente utilizado para se contrapor ao determinismo biológico. Desse modo, ‘gênero’ foi desenvolvido como uma oposição a ‘sexo’, o primeiro designando o que é socialmente construído, e o segundo o que é biologicamente dado. ‘Sexo’ é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...]. Gênero, pelo contrário, é um termo que remete à cultura” (OAKLEY apud TILLY, 1990/Trad.1994, p.42).

Louro (2000) ressalta que “Na tradição dualista, natureza e cultura estão separadas, e o corpo, localizado no âmbito da natureza, é negado na instância da cultura.”, essa dualidade acontece há bastante tempo na ciência, por exemplo, o senso comum x senso científico, corpo x mente a até mesmo a separação da natureza x humanidade.

Para a expoente da teoria *queer*³ Judith Butler em sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” a principal crítica ao movimento feminista é a construção da identidade da mulher, a autora não acredita que possa haver apenas uma identidade, mas identidades pensadas no plural. As estruturas que sustentam a obra são baseadas em críticas elaboradas a partir de grandes temas, tais como: o problema do termo mulher, e a utilização do sexo e do gênero como pontos fundamentais do movimento e a estrutura heterossexual como paradigmas do feminismo. Butler afirma que essa concepção de feminismo que trabalha com uma categoria específica acaba sendo assim também excludente. Para Butler o sexo envolvendo a partir de uma característica essencializada tem uma história e autora enfatiza que ela foi construída por um discurso científico segundo interesses sociais e políticos. A característica de imutabilidade do sexo em oposição ao gênero, tipicamente cultural, é colocada em, passando a ser também cultural. Na verdade, a criação do gênero foi à forma pela qual o poder conseguiu naturalizar o sexo, colocando-o antes da cultura.

É necessário realizar críticas às identidades, que instauram a naturalização e imobilizam os movimentos, para que o feminismo possa surgir fundado em pilares diferentes e se libertar da

³ O termo *queer* é uma apropriação radical de uma palavra normalmente usada para insultar e ofender e que, ao ser apropriada, torna-se resistente a definições fáceis. (ROCHA, 2014, p.509).

construção de uma única identidade, um modelo de mulher que exclua as demais. Woodward (2013, p. 33) pontua que “as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentidos a nossas próprias posições.

As correntes pós-estruturalista adotam o conceito de gênero, mas isso para desconstruí-lo e revelar que o próprio conceito é produzido para perpetuar a dominação masculina (SILVA, NABOZNY E ORNAT 2011, p. 24). A perspectiva pós-estruturalista não acredita em uma identidade única e fixa, e apostam em uma identidade fluída e interseccional.

A posição de Hall enfatiza a questão mutável da identidade. Ao ver a identidade como uma questão de “torna-se”. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com a existência de outras (WOODWARD 2013, p.32). Nessa mesma linha de raciocínio Silva (2013, p. 76) nos diz que “a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou do mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferenças são criações sociais e culturais. Desta maneira o autor nos aponta que “As chamadas interpretações biológica são, antes de serem biológica, interpretações, isto é, elas não são mais do que a imposição de uma matriz de significação sobre uma matéria que, sem elas, não tem significado. Todos os essencialismos são, assim, culturais. Todos os essencialismos nascem do movimento de fixação que caracteriza o processo de produção da identidade e da diferença (SILVA, 2013 p. 86).

A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é a parte ativa da formação da identidade (SILVA 2013, p. 84). Em função disso nascem a nossa singularidade e a diversidade da sociedade. Contrapondo a isso o discurso legitima certas características e exclui algumas marcas das diferenças.

AMBIENTE ESCOLAR: ESPAÇO PARA EXCLUSÃO



O espaço escolar é constituído por praticas que também são convertidas em aprendizado. Ele se institui segundo o que Santos (1978) propõe como uma estrutura subordinada e subordinante.

Boudier acredita que essa dominação masculina perpetua-se pelas as instituições como igreja, família e escola. Destaca Neto (2004) que, embora o espaço escolar reproduza o preconceito, ao mesmo tempo ele pode ser constituído como uma ferramenta para seu combate.

Para Louro (2013), o funcionamento da educação está comprometida com a reprodução da sociedade heteronormativa, com a nossa participação ou omissão. E se aceitarmos que a escola é ao mesmo tempo historicamente contingente e política, é possível que seja constituída segundo outras aspirações, que não reproduzam as relações desiguais entre as pessoas. A instituição escolar não é somente o local de produção e reprodução de conhecimento, mas também o de sistematização do mundo, promoção de valores e diversidade cultural (SANTOS e ORNAT, p. 135).

Vale ressaltar que (...)a escola necessita ter consciência de que sua atuação não é neutra. Educadores e educadoras precisam identificar o currículo oculto que contribui para a perpetuação de tais relações (BARRETO, ARAÚJO E PEREIRA, 2019, p. 50). Coadunando com o exposto, numa perspectiva foucaultiana é necessário resaltar que a verdade é produzida pelo discurso e que verdades históricas são sempre produzidas por nomes, por posição social, por gênero, por raças e classes sociais.

A sociedade produz e se reproduz no espaço geográfico onde ocorrem as manifestações de diversidades culturais, o espaço escolar não foge a essa regra, sendo portando ainda hoje um espaço segregador e excludente das minorias. Cabe aos discentes repesarem as suas atitudes frente a tais preconceitos, nas elaborações das aulas, nas dinâmicas utilizada em classe, nos debates no âmbito escolar dentre outras funções desenvolvida pelo mesmo, pois não conseguiremos mudar essa realidade de uma única vez, mas, aos poucos conseguiremos caminhar para uma sociedade mais justa e igualitária.

RESULTADO E DISCUSSÕES

As discussões que ocorreram na disciplina de Estágio Supervisionado III, sobre gênero e sexualidade, giraram em torno da desigualdade de gênero em sala de aula, sobre identidade de gênero, e sobre a participação da Universidade Federal do Tocantins acerca desse debate.

Para início das reflexões foi indagado sobre quais nomes de geógrafxs⁴ vinham as suas respectivas mentes e para que fosse colocado na lousa, o quadro foi dividido em dois, toda vez que surgia o nome de um geógrafo preenchia um lado e quando uma geógrafa preenchia do outro lado. Ao terminarem de citar os nomes surge um cenário de 21 nomes de geógrafos e apenas 8 geógrafas. Ao mostrar para eles a discrepância de nomes masculinos em relação ao feminino foi levantada a seguinte questão: o que motivava esse resultado? A resposta foi em unanimidade, as mulheres não tinham acesso à educação formal.

Seguindo com a reflexão levantamos sobre o estágio, se eles conseguiam identificar algo relacionado ao gênero em sala de aula onde estavam estagiando. Houve duas declarações. A primeira sobre um menino “afeminado”, que gostava de chamar a atenção, e que talvez por isso os demais colegas não respeitassem as suas opiniões. A segunda sobre um grupo de meninas que seria nos dizeres deles “assanhadas” e não tão dedicadas aos estudos, que contrariavam os papéis de gênero instituído, pois, os meninos eram nessa turma mais dedicados. Nessa perspectiva as mulheres devem ser emotivas, delicadas e disciplinadas, contrário a isso os homens não devem mostrar emoções, ser brutos, e indisciplinados.

Ao pedir para que colocassem no papel sobre essa percepção, por entender que desta maneira seria mais fácil conseguir um posicionamento de todos, o resultado foi de que 62% não perceberam essa desigualdade de gênero em sala de aula e as justificativas foram as mais variadas, dentre elas: por se tratar de uma escola de educação do campo, é por entender como uma brincadeira que não deveria ser levado a sério e etc. E apenas 38% afirmam ter presenciado em sala de aula desigualdade de gênero e preconceitos através de piadinhas e xingamentos (Gráfico 01).

⁴ Utilizamos o X (linguagem não binária) para não influenciar nas indicações feitas pelos os discentes.

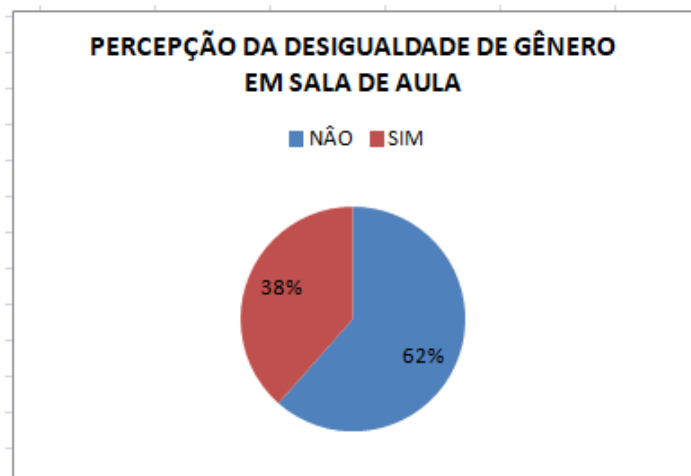


Gráfico 01. Percepção da desigualdade de gênero em sala de aula.

Ao questionar sobre as suas identidades de gênero eles não souberam responder, por não compreender do que se tratava, mas era evidente a necessidade de afirmarem “Eu sou hetero!”. Tendo em vista que se tratava de uma turma de licenciatura e que muito em breve estarão atuando, nos questionamos quanto a sua formação se a graduação tem fornecido essas discussões para/com os discentes. E foi apontado que na grade curricular consta uma disciplina, chamada de “Prática de Ensino e Diversidades” que tem como objetivo “refletir sobre a prática pedagógica e didática do professor para trabalhar com o ensino de Geografia na educação básica frente as diversidade multiculturais das escolas, dos alunos e da sociedade em geral”⁵. Em uma única disciplina seria abordado as mais variadas diversidades tais como: questões de gênero, raça, etnia, identidade, linguagem, religião e padrões culturais. Ressalta-se que essa disciplina é nova na grade curricular, portanto, aponta um entendimento do colegiado do curso, que tais temas tem que ser abordado na formação do profissional.

Recentemente a Universidade Federal do Tocantins implantou banheiros unisex⁶ em um dos seus *campus*, aproveitamos e abrimos o diálogo para essa notícia, e sugerimos que eles escrevessem sobre ela, e todos os posicionamentos foram favoráveis e inclusive pedindo que se

⁵ Ementa, disponível em: <http://download.uft.edu.br/?d=84856859-13b8-4e00-b903-876b4e37cec9;1.0:32-2013%20-%20PPC%20de%20Geografia%20-%20Licenciatura>

⁶ <http://afnoticias.com.br/banheiros-unisex-sao-implantados-na-uft-de-araguaina-para-atender-diversidade-sexual-e-geram-polemica/>

difundissem para os outros *campis*, pois tais medidas seria uma ampliação de liberdade para pessoas que tem a todo momento os seus direitos negados e evitaria constrangimentos.

É perceptível que os alunos não têm uma opinião formada acerca do assunto, apenas dois eram criteriosos nas suas afirmações e evitavam estar se pronunciando publicamente, podemos fazer relação desses dois com a religião, pois sempre se autodeterminavam como evangélicos. É nevrálgico aponta que apesar do curso ter uma disciplina para trabalharem sobre a diversidade, os discentes ainda tem pouco domínio acerca da temática. Replicando ainda muito o senso comum como: “tem que se dar o respeito”, “chamam muita atenção com atitudes desnecessárias”.

A universidade tem o papel para com a sociedade, necessitando romper barreiras e ultrapassar os muros para que consiga atingir a todos com a ciência que nela é produzida, mas para isso, ela tem que começar um forte debate interno acerca dessa temática, para que o pesquisador não seja motivos de piada, e que a sua pesquisa seja respeitada, pois como podemos querer que essa ideia seja propagada em espaços escolares, sendo que onde se formam os profissionais que lá atuarão não ocorrem esses debates.

REFERÊNCIA

BARRETO, Andreia; ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elisabeth. **Gênero e diversidade na escola:** formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo:** a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, T. T (org. e trad). **Identidade e diferenças:** a perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.



LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**. Campinas, SP. V 25/2. p. 59-75 jul-dez. 2000. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/46833/29119> Acessado em: 12 de jan. 2018.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**. V13. Florianópolis, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300002 Acesso: 15 de jan. 2018.

NETO, Luiz Ramires. Um silencio desconcertante: a homossexualidade permanente invisível na escola. In: **27ª Reunião Anual da ANPED**. 2004. Caxambu. Anais. 2004. P. 1-15.

ROCHA, Cássio Bruno Araujo. **Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e as obras de Judith Butler**. Caderno Pagu, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir; ORNAT Marcio Jose. A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas. (IN) SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; JUNIOR, Alides Baptista Chimin (ORG) **Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas**. Ponta Grossa-PR: Toda Palavra, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. . (IN) SILVA, Tomaz Tadeu (ORG) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 25 de nov. 2017.

TILLY, Louise A. “**Gênero, história das mulheres e história social**”. Campinas: Cadernos Pagu, 1994, pp. 29-62. Tradução do original, 1990.



WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. (IN)
SILVA, Tomaz Tadeu (ORG) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 13
ed. Petropolis-RJ: Vozes, 2013.